

Uso de CARVÃO volta a bater RECORDE

No que caminha para ser o segundo ano mais quente na história do planeta, o consumo mundial do combustível fóssil, extremamente poluente, chega em 2025 ao maior nível já registrado, revela a Agência Internacional de Energia

» ISABELLA ALMEIDA

O consumo mundial de carvão vai bater um novo recorde em 2025, segundo um relatório publicado ontem pela Agência Internacional de Energia (AIE). Conforme os especialistas que participaram do desenvolvimento da pasta, parte desse aumento se dá em razão das políticas do governo Donald Trump nos Estados Unidos para estimular a indústria. Este ano também deve ser o segundo mais quente já registrado.

A utilização de carvão deve crescer 0,5% em comparação com 2024, que tinha o recorde anterior, e chegar a "8,85 bilhões de toneladas", informou a AIE. "O ano de 2025 caminha para um novo recorde de consumo de carvão", afirmou Keisuke Sandamori, diretor de Mercados de Energia e Segurança da AIE, em uma apresentação para jornalistas.

Este ano também desponta como o segundo mais quente já registrado, empatado com 2023 e ficando atrás somente de 2024, segundo o observatório europeu Copernicus. Todavia, a demanda por carvão deve "recuar levemente até o final da década" devido à concorrência de outras fontes de geração de energia elétrica, como as renováveis, o gás e a energia nuclear, segundo a agência.

Conforme a publicação, esse tipo de combustível fóssil é o principal responsável pelas emissões de dióxido de carbono de origem humana, que, por sua vez, alimentam as mudanças climáticas. Historicamente, o aumento do consumo tem sido impulsionado pela China e pela Índia, que recorrem ao carvão para suprir as necessidades de energia elétrica de suas economias em crescimento, no entanto, este ano, a utilização dessa fonte se manteve estável nos dois países.

Futuro melhor?

A AIE antecipou ainda que a demanda na China, maior consumidor mundial de carvão, responsável por mais de 50% da queima, diminuirá nos próximos cinco anos. Na Índia, uma intensa temporada de monções — ventos sazonais, em geral associados à alternância entre a estação das chuvas e da seca — estimulou o uso de fontes hidrelétricas e amenizou a necessidade por eletricidade gerada por usinas a carvão pela terceira vez em cinco décadas. Segundo a agência,

Duas perguntas para

DENER ALCARDI



Clauber Leite,
diretor de Energia
Sustentável e
Bioeconomia
do Instituto
E+ Transição
Energética

O avanço das energias renováveis será suficiente para reduzir a dependência do carvão na próxima década?

Elas são essenciais, mas, isoladamente, não garantem uma redução rápida da dependência do carvão sem planejamento adequado para integração de rede, expansão de transmissão, armazenamento, flexibilidade do sistema e políticas complementares.

Quais caminhos os países deveriam priorizar para conciliar crescimento econômico, demanda por energia e proteção ambiental diante desse cenário?

Entre outras coisas, eliminar incentivos ao carvão e estabelecer cronogramas claros de desativação, acompanhados de políticas de transição justa para trabalhadores e comunidades afetadas. Investir de forma prioritária em infraestrutura de energias limpas, redes inteligentes, armazenamento e mecanismos de resposta da demanda. Conciliar crescimento e proteção ambiental exige eliminar subsídios ao carvão, investir em eficiência, infraestrutura elétrica moderna e alinhar política energética, industrial e financiamento climático.

no entanto, a tendência é desse consumo aumentar nos próximos anos.

"Apesar das tendências atípicas em vários mercados-chave de carvão em 2025, nossa previsão para os próximos anos não mudou substancialmente em relação ao ano passado: esperamos que a demanda global por carvão se estabilize antes de começar a diminuir por volta de 2030", disse Keisuke Sadamori.

"Dito isso, existem muitas incertezas que afetam as perspectivas para o carvão, principalmente na China, onde os acontecimentos — desde o crescimento econômico e as escolhas políticas até a dinâmica do mercado de energia e o clima — continuarão a ter uma influência desproporcional no cenário global. De forma mais ampla,

AFP



Fumaça sai de uma estação de energia movida a carvão perto de Datong, província de Shanxi, no norte da China

as tendências de crescimento da demanda por eletricidade e a integração de energias renováveis em todo o mundo podem impactar a trajetória do carvão", completou Sadamori.

Em contrapartida, nos Estados Unidos, a AIE "prevê um aumento de 8% em 2025 devido a uma combinação de preços mais elevados do gás natural e uma desaceleração no fechamento de usinas a carvão, graças ao apoio político orientado pelo governo federal". O acréscimo contrasta com a diminuição média anual de 6% registrada durante os últimos 15 anos. Essa mudança de cenário acontece após Trump ter assinado, em abril, decretos para estimular a exploração do combustível e mais do que dobrar a produção

elétrica para ajustar as necessidades da Inteligência Artificial.

Anos roubados

Conforme o diretor de Energia Sustentável e Bioeconomia do Instituto E+ Transição Energética, Clauber Leite, as emissões acumuladas permanecem elevadas justamente na década crítica para o cumprimento do Acordo de Paris, agravando os desafios de mitigação climática. "A manutenção de níveis altos de consumo prolonga a vida útil de ativos intensivos em carbono e pode atrasar investimentos em soluções energéticas de baixo carbono."

Apesar das medidas, a AIE

mantém a previsão de que a demanda americana diminuirá, em média, 6% até 2030, devido ao avanço das energias renováveis e ao fechamento das usinas a carvão, ainda que em um ritmo mais lento. Em parâmetros mundiais, a agência prevê que a necessidade do uso de carvão em 2030 será 3% menor que a registrada em 2025, retomando ao mesmo nível de 2023.

Durante esse período, o consumo de energia elétrica vai aumentar, mas também "se intensificará a concorrência com outras fontes de energia". As fontes renováveis devem ganhar destaque, nuclear e gás natural liquefeito. Sadamori destacou também que a participação do carvão na geração elétrica passou de 41% em 2013

para 34% neste ano. "É o menor nível na história estatística da AIE", afirmou.

Para Marco Moraes, divulgador científico e autor do livro *Planeta Hostil*, o tom técnico e neutro do relatório da IEA normaliza o que deveria ser tratado como uma emergência planetária. "Continuar queimando carvão em escala massiva é uma escolha ativa de destruição climática, não uma inevitabilidade econômica. As tecnologias para substituir o carvão existem, são economicamente viáveis e estão se expandindo. O que falta é vontade política, investimento adequado e a coragem de enfrentar interesses estabelecidos. Cada ano de 'platô' no consumo de carvão é mais um ano roubado das gerações futuras."

SAÚDE CEREBRAL

Queijo e creme de leite gordurosos reduzem risco de demência

Consumir mais queijos e creme de leite com alto teor de gordura — mais de 20% e mais de 30% de lipídios, respectivamente — pode estar associado a um menor risco de desenvolver demência. É o que aponta um novo estudo publicado ontem na revista *Neurology*, da Academia Americana de Neurologia. Para o trabalho, os pesquisadores analisaram dados de mais de 27 mil pessoas, acompanhadas por uma média de 25 anos.

"Durante décadas, o debate sobre dietas ricas em gordura versus dietas com baixo teor de gordura moldou as recomendações de saúde, chegando até mesmo a classificar o queijo como um alimento não saudável a ser consumido com moderação", disse Emily Sonestedt, PhD, da Universidade de Lund, na Suécia. "Nosso estudo descobriu que alguns laticínios com alto teor de gordura podem, na verdade, reduzir o risco de demência, desafiando algumas suposições antigas

sobre gordura e saúde cerebral."

Os participantes registraram o que comeram durante uma semana e responderam a perguntas sobre a frequência com que consumiram alguns alimentos nos anos anteriores. Eles também conversaram com os pesquisadores sobre o preparo de suas refeições.

Os cientistas então compararam pessoas que consumiam 50 gramas ou mais de queijo com alto teor de gordura (como cheddar, brie e gouda) diariamente com pessoas que ingeriam menos de 15 gramas. Após ajustes para idade, sexo, escolaridade e qualidade geral da dieta, os pesquisadores descobriram que pessoas que incluíam mais queijo com alto teor de gordura na dieta apresentavam um risco 13% menor de desenvolver demência em comparação com aquelas que comiam menos.

Ao analisar tipos específicos de demência, os cientistas constataram que pessoas que

Freepik



consumiam mais queijo com alto teor de gordura apresentavam um risco 29% menor de demência vascular. Os pesquisadores também descobriram menores chances de doença de Alzheimer entre quem comia mais laticínios ricos

em lipídios, mas somente entre aqueles que não tinham a variante do gene APOE e4 — um fator genético para a condição.

Os pesquisadores também compararam pessoas que consumiam 20 gramas ou mais de creme

Alguns laticínios mais gordurosos mostraram relação positiva com a saúde cerebral

de leite integral diariamente com quem não ingeria nada. Após ajustes semelhantes, descobriram que comer o alimento rico em lipídios minimizou em 16% as chances de desenvolver demência.

O que não mudou

Além disso, segundo a publicação, não foram encontradas associações semelhantes ao avaliar o consumo de queijo e creme de leite com baixo teor de gordura. A ingestão de leite integral ou desnatado, manteiga ou leite fermentado, incluindo iogurte, kefir e leitelho, também não mostrou nenhuma modificação no risco de demência.

"Esses resultados sugerem que, quando se trata de saúde cerebral, nem todos os laticínios são iguais",

disse Sonestedt. "Embora o consumo de mais queijo e creme de leite com alto teor de gordura tenha sido associado a um risco reduzido de demência, outros laticínios e alternativas com baixo teor de gordura não apresentaram o mesmo efeito. Mais pesquisas são necessárias para confirmar os resultados do nosso estudo e explorar melhor se o consumo de certos laticínios com alto teor de gordura realmente oferece algum nível de proteção para o cérebro."

Apesar dos resultados obtidos, os cientistas destacam que o estudo não comprova que o consumo de queijo e creme de leite com alto teor de gordura reduz o risco de demência, somente demonstra uma associação. Assim, eles frisam a necessidade de mais pesquisas sobre o tema.